



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Ciências Sociais e Saúde
Curso de Psicologia

**A Prática Baseada em Evidências na Psicologia entre Avanços e Exclusões: Uma
Revisão Narrativa**

EMANUELLE LIMA RAMOS

Goiânia,
2026



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Ciências Sociais e Saúde
Curso de Psicologia

**A Prática Baseada em Evidências na Psicologia entre Avanços e Exclusões: Uma
Revisão Narrativa**

EMANUELLE LIMA RAMOS

Trabalho apresentado como requisito à conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Realizado sob orientação do professor Prof. Me. Leonel Cardoso dos Santos e co-orientação do Prof. Me. Rogério Teles de Sousa.

Goiânia,
2026

Ficha de Avaliação

A Prática Baseada em Evidências na Psicologia entre Avanços e Exclusões: Uma Revisão Narrativa

EMANUELLE LIMA RAMOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi submetido à banca examinadora:

Leonel Cardoso dos Santos (PUC GOIÁS)
Presidente da Banca

Rogério Teles de Sousa (PUC GOIÁS)
Co-orientador
Professor Convidado

Júlio César Abdala Filho (PUC GOIÁS)
Professor Convidado

Goiânia, 12 de junho de 2026.

Resumo

A Prática Baseada em Evidências em Psicologia (PBEP) emergiu como um modelo integrativo pretensamente capaz de conciliar o rigor científico com a complexidade da prática clínica. Contudo, sua transposição do campo médico para o psicológico tem suscitado intensos debates sobre a legitimação do saber e a tecnificação do cuidado. Este estudo teve como objetivo analisar criticamente a PBEP, mapeando seus fundamentos conceituais, desafios de implementação e críticas dirigidas ao modelo. Utilizou-se o método de revisão narrativa da literatura, com a análise de 23 artigos publicados entre 2020 e 2026, selecionados a partir de bases de dados de relevância acadêmica. Os resultados indicam que, embora a PBEP se apresente como um modelo tripartite, sua operacionalização frequentemente subordina a subjetividade e a experiência clínica à hierarquia estatística de ensaios clínicos randomizados. Identificaram-se lacunas significativas na formação profissional e na representatividade sociocultural das evidências, que frequentemente ignoram marcadores interseccionais e contextos geopolíticos periféricos. Conclui-se que a PBEP atua, muitas vezes, como uma estratégia de legitimação institucional e mercadológica. O estudo aponta a necessidade urgente de uma apropriação crítica do modelo, que resgate sua vocação integrativa e reconheça as dimensões existenciais e políticas do encontro terapêutico, evitando que o rigor metodológico se converta em um dispositivo de exclusão do sujeito em sua singularidade.

Palavras-chave: Prática Baseada em Evidências em Psicologia; Epistemologia; Psicologia clínica.

Abstract

Evidence-Based Practice in Psychology (EBPP) has emerged as an integrative model purportedly capable of reconciling scientific rigor with the complexity of clinical practice. However, its transposition from the medical to the psychological field has generated intense debate regarding the legitimization of knowledge and the technification of care. This study aimed to critically analyze EBPP by mapping its conceptual foundations, implementation challenges, and critiques directed at the model. A narrative literature review was conducted, encompassing 23 articles published between 2020 and 2026, selected from academically relevant databases. The results indicate that, although EBPP presents itself as a tripartite model, its operationalization frequently subordinates subjectivity and clinical experience to the statistical hierarchy of randomized controlled trials. Significant gaps were identified in professional training and in the sociocultural representativeness of evidence, which often disregards intersectional markers and peripheral geopolitical contexts. It is concluded that EBPP frequently operates as a strategy of institutional and market legitimization. The study points to the urgent need for a critical appropriation of the model, one that recovers its integrative vocation and acknowledges the existential and political dimensions of the therapeutic encounter, preventing methodological rigor from becoming a mechanism for excluding the subject in their singularity.

Keywords: Evidence-Based Practice in Psychology; Epistemology; Clinical psychology.

Sumário

A Prática Baseada em Evidências na Psicologia entre Avanços e Exclusões: Uma Revisão Narrativa.....	7
Método.....	12
Resultados.....	15
Primeira Seção.....	17
Segunda Seção.....	19
Terceira Seção.....	20
Discussão.....	21
Considerações Finais.....	25
Referências.....	27

**A Prática Baseada em Evidências na Psicologia entre Avanços e Exclusões: Uma
Revisão Narrativa**

Emanuelle Lima Ramos

Leonel Cardoso dos Santos

Rogério Teles de Souza

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

A Prática Baseada em Evidências em Psicologia (PBEP) consolida-se atualmente como o eixo central de discussão sobre a legitimidade do fazer clínico. Ao mergulhar na análise deste fenômeno, não haveria honestidade neste percurso se a autora não começasse por lançar luz sobre as suas próprias raízes. Como toda obra teórica é indissociável dos atravessamentos de seu autor, admite-se que o Behaviorismo Radical habitou a gênese da sua formação. Foi lá que, protegido por um cuidado quase religioso com a experiência de laboratório, aprendeu-se a colocar a evidência no lugar mais alto, como a luz inquestionável a guiar a psicologia. Contudo, o tempo encarregou-se de semear uma salutar estranheza diante daquilo que se perpetra em seu nome. O que inquieta a pesquisadora é então o modo peculiar como o que se propõe enquanto evidência passou a transitar nos circuitos de formação e de prestígio profissional. O modelo tornou-se, assim, não o ponto de partida de uma busca rigorosa, mas o enterro da própria dúvida.

O reconhecimento da Psicologia como uma ciência deu-se quando a disciplina passou a ser produzida e estudada sob a perspectiva dominante nas ciências naturais em fins do século XIX e início do século XX. As filosofias de Bacon (2000) e Descartes (2016) foram as responsáveis por estabelecer que o conhecimento seguro exigia método rigoroso e expurgo das subjetividades do observador. Longe de esgotar-se em sua origem, a legitimação continua a incidir sobre as práticas clínicas contemporâneas, constituindo o pano de fundo histórico sobre o qual este trabalho se debruça.

Desde que Wilhelm Wundt inaugurou, em Leipzig, Alemanha, o primeiro laboratório de psicologia experimental em 1879, a disciplina evidenciou a complexidade desse projeto,

não sem reconhecer, ele próprio, que uma *Völkerpsychologie* (Psicologia dos Povos) qualitativa seria indispensável para abordar os fenômenos que escapavam ao controle experimental (Hergenhahn, 2001). Desde então, permeia a história da ciência psicológica um fato inquietante que raramente é admitido em sua totalidade: a disciplina estruturou-se ao longo de mais de um século sem nunca forjar um pacto definitivo sobre a sua própria identidade.

Cada grande tradição teórica da Psicologia respondeu a essa pressão de maneira singular. A Psicanálise, emergindo do sofrimento neurótico no contexto clínico, estruturou-se como um saber derivado não da experimentação laboratorial, mas da imersão direta no trabalho com pacientes, o que lhe conferiu um estatuto epistemológico próprio, cujo objeto, o inconsciente, demandava método fundado na associação livre e na interpretação, recusando por princípio a mensuração como critério de verdade (Freud, 1914; Rieff, 1961). Não por acaso, Karl Popper (1963) identificaria justamente aí sua fragilidade, crítica que, paradoxalmente, revelava mais sobre os limites do próprio critério popperiano do que sobre a natureza da investigação psicanalítica.

Em franca contraposição à subjetividade e à inferência interpretativa da Psicanálise, o Behaviorismo erigiu-se sob o imperativo da objetividade radical. Não se tratava, contudo, de mera recusa programática: havia aí uma exigência de ordem epistemológica mais profunda, que Skinner cuidou de articular com precisão. Em seu ensaio "A análise operacional de termos psicológicos", Skinner (1945/1961) sustentou que os termos mentais, longe de serem simplesmente eliminados, deveriam ser submetidos a uma análise que os traduzisse em operações observáveis, pois somente assim a Psicologia poderia reclamar para si o estatuto de ciência legítima. Para essa matriz teórica, os eventos que afetam um organismo devem ser passíveis de descrição na linguagem da ciência física (Skinner, 2003, p. 36), o que impõe a

necessidade metodológica de nos confinarmos a eventos observáveis (Skinner, 2003, p. 39), de modo que a evidência legítima restringe-se aos dados estritamente manifestos.

A concepção de Psicologia formulada por Watson (1913), ancorada no estudo objetivo do comportamento observável e na exclusão da consciência e da introspecção, procurava estabelecer um programa investigativo restrito às relações estímulo-resposta, tendo na mensuração empírica seu critério fundamental de cientificidade. O desenvolvimento ulterior da tradição comportamental, contudo, conduziu a sucessivas revisões desses pressupostos: a explicação estritamente ambiental revelou-se insuficiente para abarcar a complexidade de determinados fenômenos, abrindo espaço para formulações que consideravam processos mediadores entre organismo e ambiente, do que resultaria, posteriormente, a consolidação de perspectivas voltadas aos modos pelos quais o indivíduo organiza e interpreta sua experiência, sem abandonar inteiramente o ideal de rigor metodológico que havia orientado o behaviorismo em sua origem.

É precisamente de uma formação de compromisso entre técnicas de treinamento comportamental e modelo representacional cognitivo que emerge a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), cujo desenvolvimento testemunhou um refúgio no "ecletismo técnico", nos termos de Arnold Lazarus, manobra em que o *furor curandi* sobrepõe-se à necessidade de compreender os alicerces filosóficos dos métodos, produzindo uma identidade terapêutica cindida que reúne sob um mesmo emblema pressupostos incompatíveis (Vandenberghe, 2001), cujos artífices parecem fechar os olhos ao fato de que seu edifício metodológico repousa sobre os velhos alicerces da ética estoica e dos ideais liberais de autonomia (Beck, 1976; Becker, 2008).

Reagindo a ambos os paradigmas, o Humanismo e as perspectivas fenomenológico-existenciais, fundamentadas no conceito husserliano de *Lebenswelt*

(Husserl, 1970) e na analítica existencial de Heidegger (1962), afirmaram que os modelos científicos são sempre simplificações derivadas da experiência pré-científica cotidiana, e que a doença mental não é falha mecanicista, mas confronto com a finitude e perda de sentido (May, 1983). Por fim, as abordagens críticas e construcionistas, ancoradas em Foucault (1977), revelaram que a própria definição de evidência é uma construção histórico-cultural intrinsecamente ligada a relações de poder: o conhecimento psicológico não descobre a natureza humana, ele a fabrica segundo os dispositivos discursivos de cada época.

Como evidenciam Schultz e Schultz (2016), a Psicologia moderna não convergiu rumo a uma ciência unificada sob um paradigma soberano; ao contrário, fragmentou-se irreversivelmente em uma miríade de escolas irreconciliáveis, cada nova insurgência teórica chocando-se contra a parcialidade de seus próprios métodos. É nesse solo historicamente fraturado, marcado pela coexistência tensa de tradições epistemológicas irreconciliáveis e pela pressão crescente de lógicas externas de mercado e gestão sobre a prática clínica, que se insere o debate contemporâneo sobre os critérios de legitimação do saber psicológico.

A pergunta que organiza este percurso não é, portanto, se a PBEP é verdadeira ou falsa, mas: em que medida a PBEP, ao se apresentar como modelo integrativo e universal, opera simultaneamente como dispositivo de exclusão de saberes, subjetividades e contextos geopolíticos periféricos?

Este trabalho tem como objetivo geral analisar criticamente a PBEP, mapeando seus fundamentos conceituais, tensões epistemológicas e os processos de exclusão que o modelo pode produzir. Como objetivos específicos, busca-se: reconstruir o percurso histórico da PBEP, desde suas raízes na Medicina Baseada em Evidências até sua formalização pela American Psychological Association (APA) em 2006; identificar as críticas dirigidas ao modelo quanto à hierarquização das evidências e à subordinação da experiência clínica e da

subjetividade; analisar as lacunas de representatividade sociocultural e geopolítica nas evidências que sustentam a PBEP; e discutir as implicações do modelo para a prática clínica no contexto brasileiro e latino-americano.

A relevância deste estudo reside no fato de que a PBEP tem ocupado um lugar nos debates sobre legitimidade profissional e formação em psicologia, muitas vezes sendo mobilizada mais como selo de prestígio do que como ferramenta epistemológica. Em um cenário em que o modelo avança sobre contextos para os quais não foi concebido, e diante da escassez de produções críticas sobre o tema no Brasil e na América Latina, torna-se urgente uma apropriação reflexiva que interrogue os pressupostos, os limites e os efeitos de exclusão que a PBEP pode produzir. Contribuir para esse debate representa não apenas um compromisso acadêmico, mas um posicionamento ético diante das implicações políticas e clínicas do que se nomeia como evidência.

Método

A escolha pela revisão narrativa é coerente com os pressupostos epistemológicos deste trabalho: diferentemente da revisão sistemática, cuja pretensão de exaustividade reproduz em escala metodológica a mesma lógica tecnicista aqui colocada sob suspeita, a revisão narrativa permite exercer juízo crítico sobre o corpus, articular perspectivas heterogêneas e construir uma argumentação irreduzível à soma dos estudos analisados (Rother, 2007), método que não apenas viabiliza, mas exige o posicionamento explícito do pesquisador. Se a PBEP se propõe a reescrever as regras da legitimidade na psicologia, é imperioso submetê-la à mesma desconfiança investigativa que ela aplica aos seus objetos.

A busca do material bibliográfico foi realizada nas bases de dados SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google Acadêmico e Portal de Periódicos CAPES. Para a localização dos estudos, foram utilizados descritores em língua portuguesa e inglesa

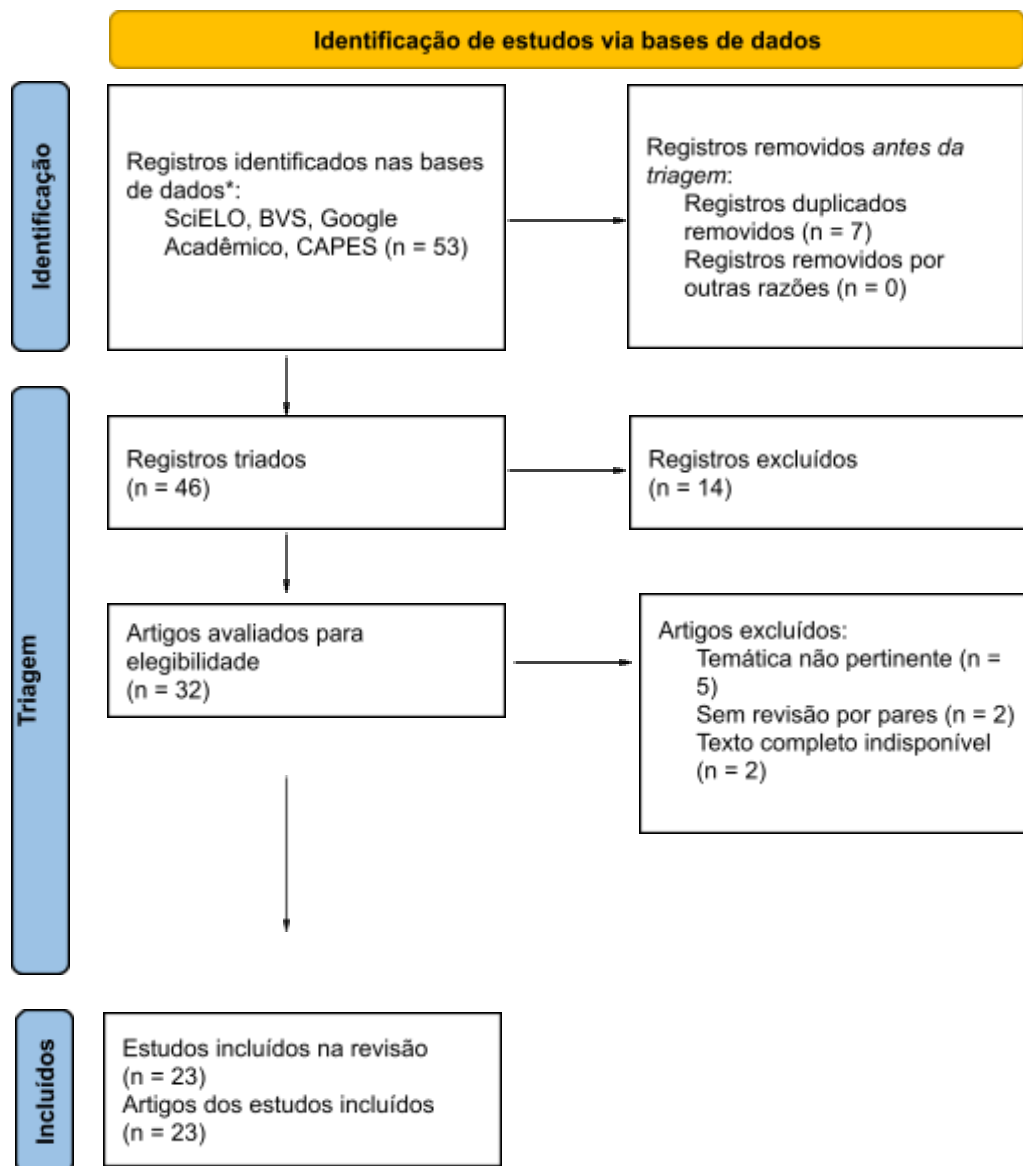
combinados estrategicamente em dois eixos temáticos, operacionalizados por meio de operadores booleanos (AND, OR): Eixo 1 (PBEP): "prática baseada em evidências" OR "evidence-based practice in psychology" OR "EBP"; Eixo 2 (Contextualização): "psicologia clínica" OR "psicoterapia" OR "epistemologia" OR "ciência e prática". A estratégia consistiu na combinação dos termos do Eixo 1 com os do Eixo 2, replicada em todas as bases com pequenas variações sintáticas para maximizar a sensibilidade do levantamento, considerando publicações do período de 2020 a 2025.

Os critérios de exclusão adotados compreenderam: (1) estudos empíricos de eficácia ou efetividade de intervenções psicológicas que não discutissem o modelo em si, seus fundamentos ou suas implicações epistemológicas; (2) produções cujo foco recaísse exclusivamente sobre populações clínicas específicas sem articulação com os debates mais amplos acerca da legitimação da prática psicológica baseada em evidências; (3) textos que abordassem a prática baseada em evidências em outras áreas da saúde sem estabelecer interlocução direta com a psicologia; e (4) publicações duplicadas, das quais se reteve apenas uma entrada para análise.

O processo de seleção do corpus seguiu as diretrizes do modelo PRISMA 2020 e organizou-se em quatro etapas sequenciais: identificação, triagem, elegibilidade e inclusão. Foram recuperados inicialmente 53 artigos; após exclusão de 7 duplicatas, restaram 46. A triagem por títulos e resumos descartou 14 estudos por ausência de alinhamento temático, resultando em 32 artigos para avaliação aprofundada. A leitura integral desses estudos e a aplicação rigorosa dos critérios estabelecidos determinaram a exclusão de mais 9, por temática não pertinente, ausência de revisão por pares ou indisponibilidade do texto completo, totalizando 23 artigos incluídos na análise final, conforme sintetizado no fluxograma a seguir.

Figura 1

Fluxograma Prisma 2020 para seleção de estudos.



O corpus final de 23 artigos foi submetido a leitura atenta e interpretativa, orientada pelos princípios da análise de conteúdo temática (Bardin, 2011). Em um primeiro momento, procedeu-se à leitura flutuante dos textos, com vistas à apreensão global dos sentidos presentes em cada estudo. Em seguida, os dados foram organizados por unidades de sentido emergentes do próprio corpus, as quais foram progressivamente agrupadas em eixos temáticos construídos de forma indutiva, a partir da recorrência, relevância e densidade argumentativa dos temas identificados. Esse procedimento analítico permitiu mapear

convergências, tensões e lacunas no debate sobre a PBEP, promovendo o diálogo sistemático entre diferentes autores, matrizes teóricas e contextos geográficos e institucionais de produção do conhecimento. Os resultados dessa organização são apresentados na seção seguinte, estruturados em quatro eixos temáticos principais.

Resultados

Buscando tornar a apresentação dos resultados mais clara, objetiva e visualmente organizada, os dados serão apresentados por meio de gráficos, tabelas e figuras. Cada recurso visual será acompanhado de sua respectiva apresentação e descrição dos resultados, com o objetivo de tornar a leitura mais dinâmica e facilitar a compreensão das informações.

A primeira dimensão apresentada refere-se à distribuição temporal dos estudos selecionados, isto é, à quantidade de artigos publicados em cada ano dentro do recorte adotado. Essa análise permite identificar tendências de crescimento ou a retração de interesse científico pelo tema ao longo do tempo. A Tabela 1, a seguir, apresenta a quantidade de artigos por ano de publicação.

Tabela 1

Distribuição anual dos artigos selecionados

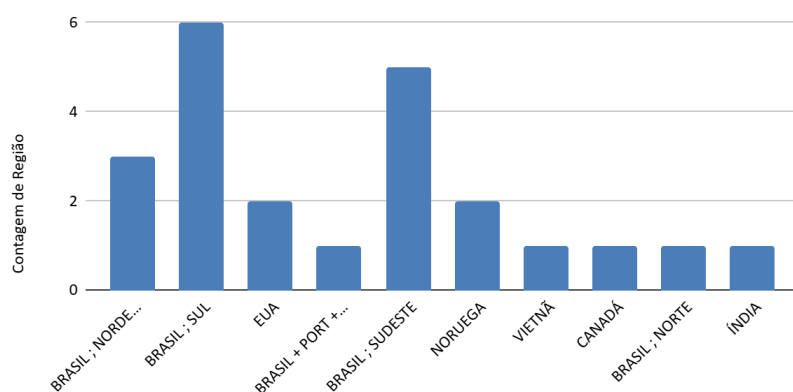
Ano	Quantidade de artigos
2020	3
2021	4
2022	1
2023	4
2024	4
2025	7
2026	1
Total	23

Os dados mostram crescimento progressivo das publicações ao longo do período, com pico em 2025 (7 artigos; 30,4%), seguido por 2021, 2023 e 2024 (4 artigos cada) e menor volume em 2022 (1 artigo), sugerindo aumento recente do interesse acadêmico pela temática a partir de 2023. Também foi mapeada a procedência geográfica dos estudos, permitindo

identificar os contextos nacionais com maior protagonismo na produção científica sobre PBEP e as lacunas de representação, conforme apresentado a seguir. O Gráfico 2 apresenta a distribuição geográfica das produções identificadas nos artigos selecionados.

Gráfico 2

Distribuição Geográfica das Produções



Os dados indicam que a produção sobre PBEP permanece fortemente concentrada em países do Norte Global, com destaque para os contextos anglófonos e europeus. A presença de estudos brasileiros e latino-americanos, embora existente, é proporcionalmente menor, o que reforça um dos achados centrais desta revisão: o processo de chegada assimétrico e fragmentado do modelo ao contexto regional.

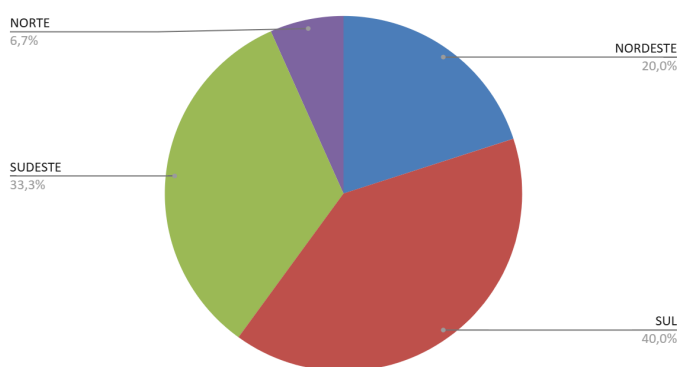
A busca bibliográfica foi delimitada a publicações em língua portuguesa (Brasil) e inglesa. Tal recorte justifica-se pela predominância do inglês como idioma de circulação internacional da produção científica na área e pela relevância da literatura nacional para a contextualização do tema. Em razão das limitações temporais inerentes à presente pesquisa, não foram realizadas buscas sistemáticas em bases de dados utilizando descritores em língua espanhola. Reconhece-se que essa delimitação pode ter restringido o acesso a parte da produção científica disponível, constituindo uma limitação metodológica do estudo.

Considerando especificamente os artigos de origem brasileira, realizou-se um recorte adicional para verificar a distribuição regional dessas produções dentro do território nacional.

Esse nível de análise revela desigualdades internas na produção científica sobre o tema. O Gráfico 3 abaixo apresenta a distribuição dos artigos brasileiros de acordo com as regiões do país.

Gráfico 3

Distribuição Regional dos Artigos Brasileiros

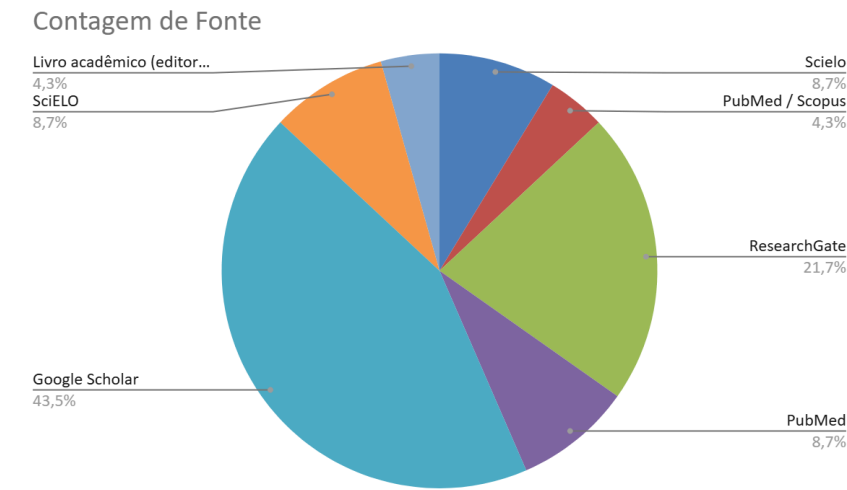


Nota-se predominância de produções localizadas na região Sul, seguida pela região Sudeste. As regiões Nordeste e Norte aparecem em menor proporção evidenciando uma concentração geográfica da pesquisa nos polos acadêmicos historicamente consolidados do país.

O gráfico evidencia que o Google Scholar foi a fonte predominante, respondendo por 10 dos 23 artigos selecionados (43,5% do corpus). Em segundo lugar aparece o ResearchGate, com 5 artigos (21,7%), seguido por SciELO com 2 artigos cada, e PubMed com 2 artigos. As fontes PubMed/Scopus e livro acadêmico (editora/Google Books) contribuíram com 1 artigo cada. A expressiva concentração no Google Scholar, plataforma de amplo acesso mas sem sistema de revisão próprio, pode refletir tanto a dispersão da produção sobre PBEP em periódicos variados quanto a limitações no acesso a bases indexadas especializadas, como PsycINFO ou Scopus, que aparecem de forma residual no corpus. A diversidade de fontes, ainda que assimétrica, assegura a abrangência do levantamento e é consistente com o caráter desta revisão.

Gráfico 3

Bases de Pesquisa



Primeira Seção

A Primeira Seção temática dos resultados reúne os achados relacionados ao enquadramento conceitual e histórico da PBEP na literatura analisada. Trata-se de compreender como os artigos definem o modelo, de onde ele emerge e como sua aplicação é descrita em diferentes contextos. A Tabela 1 a seguir sintetiza os principais eixos temáticos identificados.

Tabela 1

Definição, Origem e Contexto de Aplicação da PBEP

Eixo Temático	Descrição Central	Principais Autores
Definição e Modelo Tripartite	Modelo de tomada de decisão que articula as melhores evidências científicas disponíveis, a expertise do profissional e os valores do cliente.	Leonardi e Meyer (2015); Rosa e Laport (2021); Souza e Gonçalves (2024).

Origem Histórica	Transposição do modelo da Medicina Baseada em Evidências para a Psicologia. Formalização da estrutura tripartite pela <i>American Psychological Association</i> (APA) em 2006.	Leonardi e Meyer (2015); Rosa e Laport (2021); Dusi et al. (2023) .
Contexto Brasileiro e Latino-Americano	A incorporação fragmentada do modelo, associada à escassez de estudos empíricos regionais, dificulta sua operacionalização.	Silva Junior (2025, 2026); Azevedo (2022).
Aplicação em Diferentes Contextos	Desafios de aplicação em campos com evidências limitadas e demanda por ações institucionais para descontinuar práticas ineficazes.	Medeiros et al. (2025); Shaw (2021).

A literatura analisada converge em torno de quatro eixos principais: a definição tripartite do modelo, sua origem na Medicina Baseada em Evidências, as especificidades do contexto brasileiro e latino-americano, e os limites de aplicação em áreas com pouca base empírica. O eixo de maior convergência é o da definição tripartite.

Segunda Seção

Tabela 2 - Mapeamento das Lacunas na Implementação da PBEP

Categoria da Lacuna	Síntese dos Achados	Principais Autores
Pesquisa-Prática (Transladação)	Distanciamento sistemático entre o conhecimento teórico e a aplicação clínica. O conhecimento profissional frequentemente é superficial, havendo a valorização da experiência clínica em detrimento das evidências.	Leonardi et al. (2023), Silveira et al. (2022), Melnik et al. (2025), Azevedo (2022), El Horr de Moraes e Martins da Silveira (2020)

Formação e Currículo	Presença ínfima do modelo nas matrizes curriculares. A adesão e atitudes favoráveis à PBEP estão diretamente associadas à exposição prévia do estudante.	Lopes, Soares e Mombelli (2025), Silva e Melo (2024), Sobreira et al. (2024), Nguyen-Thi e Nguyen (2023), Silva Junior (2025)
Representatividade Sociocultural	Protocolos tradicionais são validados majoritariamente em populações do Norte Global (brancos e de alto estrato socioeconômico). Marcadores interseccionais são invisibilizados. A adaptação cultural configura-se como imperativo ético e técnico.	Heidelberg et al. (2025), Manjula (2025), Azevedo (2022), Rezende, Soares e Veloso (2023)

A Seção 2 organiza os achados referentes às lacunas na implementação da PBEP, agrupadas em três categorias sintetizadas na Tabela 2.

A tabela revela que as lacunas são de natureza múltipla e interdependente: atravessam desde a relação entre pesquisa e prática clínica até a formação dos profissionais e a representatividade das populações estudadas. O achado de maior recorrência na literatura é o distanciamento pesquisa-prática, identificado de forma quase unânime entre os artigos analisados. Cada uma dessas categorias é detalhada nas subseções a seguir. Os detalhamentos de cada uma dessas lacunas será amplamente debatido mais tarde.

Terceira Seção

A Terceira Seção temática organiza as críticas à PBEP identificadas na literatura analisada. A análise permitiu agrupar as críticas em três eixos principais: epistemológico, científico-metodológico e institucional/geopolítico, apresentados na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 - Eixos Críticos Direcionados à PBEP na Literatura Analisada

Eixo Crítico	Argumentação Central	Principais Autores
Natureza Epistemológica e Ética	A PBEP adota uma retórica integrativa, mas opera sob uma lógica cientificista e hierárquica, subordinando a clínica à pesquisa empírica. Atua como um sistema de demarcação de práticas legítimas.	Berg (2019, 2020); Nardes (2024).
Insuficiência do Modelo	Falha em distinguir <i>eficácia</i> de <i>eficiência</i> . Inconsistências metodológicas e subdesenvolvimento na incorporação dos valores e preferências dos pacientes.	Berg (2021), Leonardi e Meyer (2015), Leonardi et al. (2023), El Horr de Moraes e Martins da Silveira (2020), Dusi et al. (2023)
Consequências Institucionais e Geopolíticas	A universalização reproduz vieses ocidentais e invisibiliza grupos marginalizados.	Silveira, Furtado e Pacheco (2022), Heidelberg et al. (2025), Rezende, Soares e Veloso (2023)

A análise da Tabela 3 permitiu identificar três eixos críticos centrais relacionados à PBEP: epistemológico, científico-metodológico e institucional/geopolítico. No eixo epistemológico, os autores argumentam que, embora a PBEP se apresente como um modelo integrativo, há uma predominância da evidência científica sobre a expertise clínica e as singularidades do paciente, produzindo uma lógica hierárquica e cientificista. Além disso, discute-se o risco de transformação da PBEP em uma nova ortodoxia científica, capaz de marginalizar perspectivas divergentes. No eixo científico-metodológico, as críticas concentram-se nos limites da transposição direta dos resultados experimentais para a prática clínica real.

Já o eixo institucional e geopolítico enfatiza os efeitos da inserção da PBEP nas dinâmicas de poder da psicologia e da saúde mental. Os autores observam que o modelo pode

funcionar como mecanismo de prestígio profissional e legitimação científica, favorecendo determinadas abordagens e produzindo hierarquias institucionais.

Discussão

Os artigos revisados situam a origem da PBEP no movimento da Medicina Baseada em Evidências (EBM), estruturado entre as décadas de 1970 e 1990, cuja transposição para a psicologia culminou na formalização do modelo tripartite pela APA em 2006: melhores evidências científicas disponíveis, expertise clínica do profissional e características, valores e preferências do cliente (Leonardi & Meyer, 2015; Rosa & Laport, 2021; Souza & Gonçalves, 2024; Dusi et al., 2023). Leonardi e Meyer (2015), Souza e Gonçalves (2024), Rosa e Laport (2021) e Sobreira et al. (2024) descrevem que a prática clínica nesse modelo engloba a união direta entre conhecimento de pesquisa, leitura crítica, julgamento profissional e adaptação à singularidade do sujeito. Em contrapartida, Nardes (2024), sob a ótica kuhniana, sustenta que o modelo não inaugura um novo paradigma científico, mas reorganiza controvérsias preexistentes, a disputa entre fatores comuns e específicos da eficácia terapêutica e a crítica ao dogmatismo das escolas antecedem largamente a formalização da APA, de modo que a narrativa de "revolução científica" corre o risco de converter-se em simplificação histórica que obscurece continuidades sob a aparência da novidade. Paralelamente, Berg (2019) aponta que a estrutura tripartite opera, na prática, de forma hierárquica, subordinando a expertise clínica e as preferências do paciente aos critérios estritos da ciência experimental.

Essa "reorganização" revela um deslocamento no lugar da autoridade: o rigor não foi abandonado, mas transferido da tradição teórica para o domínio da verificação empírica. Como apontam Berg (2019a), Nardes (2024) e Leonardi et al. (2023), essa mudança não suprime as exclusões de saber, apenas as reformula, marginalizando práticas que não se ajustam aos formatos metodológicos privilegiados, notadamente ensaios clínicos

randomizados e meta-análises. Ao invocar o "evidencialismo" e o "confiabilismo" como colunas de sustentação, o modelo incorre em argumento circular, pressupondo valores epistêmicos que o sistema, por si só, é incapaz de justificar (Djulfbegovic & Guyatt, 2014), criando um sistema de exclusões que oculta escolhas políticas e históricas sob a promessa de neutralidade técnica (Rezende et al., 2023; Manjula, 2025).

Berg (2024) examina a psicologia como ciência pré-paradigmática: campo plural, metodologicamente heterogêneo e atravessado por premissas frequentemente incompatíveis, pluralidade que expressa a complexidade irreduzível de seu objeto, não um defeito a ser corrigido. Ao operar como se esse estatuto já estivesse superado, a PBEP impõe hierarquias metodológicas que produzem exclusões de abordagens epistemologicamente legítimas, aproximando-se, assim, dos impasses descritos por Kuhn (2012) para as ciências que pretendem ser paradigmáticas antes de o serem. A crise de replicação expõe os limites da suposição de que o rigor dos ensaios clínicos randomizados seja condição suficiente para garantir conhecimento válido e cumulativo (Berg, 2024); Sanbonmatsu et al. (2025) e Sampaio e Sabadini (2014) convergem ao advertir que estudos empiricamente robustos, mas teoricamente frágeis, constituem problema estrutural que a PBEP tende mais a intensificar do que a resolver, e que nos obriga, inevitavelmente, a perguntar a quem serve e de onde fala a ciência que pretende orientar a prática clínica.

A análise de Berg (2024) acerca da relação entre burocratização e PBEP oferece instrumental particularmente preciso para compreender como a evidência se converte em dispositivo de gestão. Retomando Weber, o autor argumenta que as burocracias modernas operam mediante regras abstratas destinadas à implementação de metas previamente definidas. Quando a PBEP é incorporada a sistemas de saúde, currículos acadêmicos e políticas públicas, os ensaios clínicos randomizados deixam de constituir apenas ferramentas metodológicas e passam a operar como instrumentos de racionalização administrativa e

análise de custo-benefício, lógica orientada pela maximização do benefício ao menor custo possível, ajustada às exigências burocráticas de padronização, auditabilidade e comparabilidade de resultados. Talvez seja justamente isso que explique por que, como observam Silveira et al. (2022), a PBEP frequentemente aparece no contexto brasileiro mais como marcador de legitimidade institucional do que como prática efetivamente integrativa de tomada de decisão clínica.

Nesse ponto, a aproximação com Skinner revela-se particularmente instrutiva, ainda que carregue consigo certo caráter paradoxal. Em *Ciência e Comportamento Humano*, Skinner (2003) sustenta que uma ciência do comportamento orientada pela previsão e pelo controle constitui necessidade prática diante dos impasses da vida social; em *Walden Two* (1948), essa ambição encontra sua expressão mais acabada numa sociedade organizada inteiramente segundo princípios do condicionamento operante, onde o saber técnico assume função normativa e se apresenta como promessa de uma vida. Não é difícil reconhecer que essa ambição permanece no horizonte da PBEP: quanto mais ela busca assegurar para si o estatuto de ciência rigorosa, mais se aproxima da ambição moderna de transformar o sujeito em objeto integralmente cognoscível e administrável, e é precisamente nesse movimento que retorna o caráter inevitavelmente conflitivo, opaco e incompleto da experiência humana.

Superada a crítica epistemológica externa, as contradições internas da PBEP tornam-se centrais. Berg (2019) denuncia que o equilíbrio tripartite é ilusório: na prática, as evidências experimentais subordinam tanto a expertise clínica quanto as preferências do paciente, reduzindo este a variável de ajuste do protocolo (Dusin et al., 2023). Woolfolk (2015) radicaliza o diagnóstico: a linguagem da psicoterapia, intersubjetiva e eticamente constituída, é estruturalmente resistente à operacionalização, de modo que a pretensão mensurativa da PBEP não captura, mas obscurece o que é irreduzível na clínica. Berg (2019b,

2020) nomeia essa falha como incursão utilitarista e propõe a *phronesis* aristotélica como única via capaz de deliberar sobre o caso singular sem abdicar do rigor.

A confusão entre eficácia e eficiência (Berg, 2021) aprofunda o impasse: equiparar regularidades de grupo à utilidade para um sujeito singular e histórico constitui erro metodológico de graves consequências éticas. Ward et al. (2022) sustentam que pesquisa básica e clínica pertencem a registros distintos, e a ficção de uma tradução linear entre ambas é a fonte persistente da atrofia da PBEP. A retórica do "o que funciona" encobre, assim, os "fantasmas teóricos" de MacIntyre (2011): pressupostos morais jamais submetidos ao exame crítico, cuja refutação depende de análise ética — não metodológica.

Rezende et al. (2023), ao articularem PBEP e psicologia feminista, demonstram que a evidência científica está longe de constituir domínio axiologicamente neutro: produzida majoritariamente em contextos nos quais marcadores interseccionais como gênero, raça, classe e sexualidade permanecem insuficientemente considerados, ela pode conservar, de maneira pouco evidente, os vieses das populações em que foi originalmente testada. Heidelberg et al. (2025) e Manjula (2025) aprofundam essa crítica ao observarem que a universalização de parâmetros euro-americanos produz o efeito paradoxal de converter a pretensa defesa da diversidade em mecanismo silencioso de apagamento das diferenças. No contexto latino-americano, Azevedo (2022) demonstra que a reduzida produção empírica regional favorece a importação acrítica de critérios de validade externos, constituindo uma geopolítica do conhecimento na qual certos centros ocupam a posição de produtores legítimos de evidência, enquanto outros permanecem predominantemente na condição de receptores.

Considerações Finais

Ao término desse percurso, impõe-se uma confissão que talvez toda pesquisa honesta deva, ao final, ser capaz de fazer: o objeto investigado não permaneceu intacto durante a investigação, e tampouco permaneceu intacto quem investigou. O que começou como um

esforço de mapeamento crítico da literatura sobre a PBEP tornou-se, progressivamente, um exercício de interrogação sobre os próprios pressupostos que sustentam a formação em psicologia no Brasil e, por extensão, sobre a maneira como se aprende a olhar para o sofrimento humano antes mesmo de se aprender a escutá-lo. Se há uma conclusão que este trabalho não consegue evitar, é a de que a pergunta sobre o que conta como evidência é, antes de tudo, uma pergunta sobre o que conta como humano, e essa pergunta não pode ser respondida por nenhum ensaio clínico randomizado. O que ela exige é precisamente o que Berg (2024) designa como vocação integrativa original da PBEP: não a aplicação mecânica de protocolos, mas um julgamento profissional que articula, de modo reflexivo, a pesquisa disponível, a expertise ética do clínico e a singularidade intransferível do paciente. Um julgamento que, longe de interditar o método, reconhece seus limites, e é exatamente nesse reconhecimento que a psicoterapia preserva seu caráter distintivo: o de um encontro em que dois sujeitos se defrontam com aquilo que nenhum manual consegue nomear inteiramente, e ainda assim tentam, juntos, encontrar alguma forma de atravessá-lo.

Referências

- APA. American Psychiatric Association.. (2006). **Evidence-based practice in psychology**. *American Psychologist*, 61(4), 271–285.
- ARAGONA, M. (2009). **The role of comorbidity in the crisis of the current psychiatric classification system**. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, 16(1), 1–11.
- AZEVEDO, V. F. de. (2022). **Psicoterapia e a prática baseada em evidências: Uma revisão integrativa da literatura**. *Brazilian Journal of Case Reports*, 2(Suppl. 3), 282–287. <https://doi.org/10.52600/2763-583X.bjcr.2022.2.Suppl.3.282-287>
- BACON, F. (2000). *Novum Organum*. Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1620).
- BARDIN, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- BECK, A. T. (1976). *Cognitive therapy and the emotional disorders*. International Universities Press.
- BENNETT-LEVY, J., Butler, G., Fennell, M., Hackman, A., Mueller, M., & Westbrook, D. (Eds.). (2004). *Oxford guide to behavioural experiments in cognitive therapy*. Oxford University Press.
- BENTHAM, J. (1789). *An introduction to the principles of morals and legislation*. Payne.
- BERG, H., & Slaattelid, R. (2017). **Facts and values in psychotherapy — a critique of the empirical reduction of psychotherapy within evidence-based practice**. *Medicine, Health Care and Philosophy*, 20(1), 99–107.
- BERG, H. (2019). **Evidence-based practice in psychology fails to be tripartite: A conceptual critique of the scientocentrism in evidence-based practice in psychology**. *Theory & Psychology*, 29(1), 3–24.
- BERG, H. (2019). **How does evidence-based practice in psychology work? — As an ethical demarcation**. *Theory & Psychology*, 29(6), 760–778.
- BERG, H. (2019). **Evidence-based practice in psychology: Dogmas and dilemmas**. *Journal of Evaluation in Clinical Practice*, 25(5), 834–838.
- BERG, H. (2020). **Virtue ethics and integration in evidence-based practice in psychology**. *Theory & Psychology*, 30(3), 363–381.
- BERG, H. (2021). **Why only efficiency, and not efficacy, matters in psychotherapy practice**. *Theory & Psychology*, 31(1), 44–62.

- BERG, H. (2024). **Evidence-based practice in psychology fails to be tripartite: A conceptual critique of the scientocratic model.** *Frontiers in Psychology*, 14.
- COCHRANE, A. L. (1999). *Effectiveness and efficiency: Random reflections on health services*. Royal Society of Medicine Press. (Trabalho original publicado em 1972).
- BECKER, D., & Marecek, J. (2008). **Positive psychology: History in the remaking?** *Theory & Psychology*, 18(5), 591–604. <https://doi.org/10.1177/0959354308093397>
- DA SILVA JUNIOR, H. M., Torres, J. P. B., & Oliveira, H. M. (2026). **Prática psicológica baseada em evidências: Um recorte histórico com base no passado e no presente.** *Revista de Geopolítica*, 17(3), e1722. <https://doi.org/10.56238/revgeov17n3-007>
- DESCARTES, R. (2016). *Meditações metafísicas*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1641).
- DUSIN, J., Melanson, A., & Mische-Lawson, L. (2023). **Evidence-based practice models and frameworks in the healthcare setting: A scoping review.** *BMJ Open*, 13(5), e071188. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2022-071188>
- EL HERR DE MORAES, P., & Martins da Silveira, J. (2020). **Prática baseada em evidências e produção brasileira em Análise do Comportamento Clínica.** *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 21(4), 472–486. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v21i3.1236>
- FOUCAULT, M. (1977). *Vigiar e punir*. Vozes.
- FREUD, S. (1996). **Sobre a história do movimento psicanalítico.** In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 11–66). Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- GRUENING, G. (2001). **Origin and theoretical basis of new public management.** *International Public Management Journal*, 4(1), 1–25.
- HEIDELBURG, K., Leverett, P. M., Berte, J., Viriyasatien, C., Haslem, D., & Hutcherson, R. (2025). **Cultural adaptations to evidence-based interventions and practices in psychology.** *School Psychology*, 40(2), 101–107. <https://doi.org/10.1037/spq0000694>
- HEIDEGGER M. (1962). *Being and time*. Harper & Row.
- HERGENHAHN, B. R. (2001). *An introduction to the history of psychology* (4th ed.). Wadsworth.
- HUSSERL, E. (1970). *The crisis of European sciences and transcendental phenomenology*. Northwestern University Press.

- KUHN, T. S. (2012). **A estrutura das revoluções científicas** (13ª ed.). Perspectiva.
- LAMBERT, M. J., & Barley, D. E. (2001). **Research summary on the therapeutic relationship and psychotherapy outcome.** *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 38(4), 357–361.
- LEONARDI, J. L., & Meyer, S. B. (2015). **Prática baseada em evidências em psicologia e a história da busca pelas provas empíricas da eficácia das psicoterapias.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35, 1139–1156. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001552014>
- LEONARDI, J., Máximo, T., Bacchi, A., & Josua, D. (2023). **Ciência, análise do comportamento e a prática baseada em evidências em psicologia.** *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(1), 1–19. <https://doi.org/10.18761/PACCha0a1>
- LOPES, F. de S., Soares, N., & Mombelli, M. A. (2025). **Prática baseada em evidência nos cursos de Psicologia no Brasil: Um estudo documental.** *Boletim — Academia Paulista de Psicologia*, 45(108), 61–71. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20250005>
- MANJULA, M. (2025). **Cultural adaptation of evidence-based psychotherapies: Methods and implications.** *Indian Journal of Clinical Psychology*, 52(1–2), 1–6.
- MAY, R. (1983). *The discovery of being*. Norton.
- MEDEIROS, A. G. A. P. de, Silva, T. A. B. da, & Santana, S. de M. (2025). **Plantão psicológico e terapia cognitivo-comportamental: Desenvolvimento e demarcação das intervenções a partir da prática baseada em evidências.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, 45, e275173. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003275173>
- MELNIK, T., Sinval, J., Pinho, V. D., Junior, J. A. S. H., Oliveira, M. D. S., & Lopes, F. M. (2025). **Knowledge and use of evidence-based practice in psychology in the clinical practice of Brazilian psychologists: A cross-sectional study.** *Healthcare*, 13(4), 431. <https://doi.org/10.3390/healthcare13040431>
- MILL, J. S. (1843). *A system of logic*. Longmans, Green.
- MILL, J. S. (1991). *Utilitarianism*. Hackett. (Trabalho original publicado em 1863).
- NARDES, W. B. (2024). **Psicologia baseada em evidências: A reinvenção da roda.** *Revista da PET de Filosofia UFPR*, 26(1), 117. <https://petdefilosofiaufpr.wordpress.com/2025/09/29/volume-26-n-1/>
- NGUYEN-THI, M.-T., Nguyen Hoang, A.-V., Luu-Thi, H.-T., & Tran-Chi, V.-L. (2023). **Perceptions of evidence-based practice among Vietnamese psychology students.**

- Journal of Asian Scientific Research*, 13(4), 168–177.
<https://doi.org/10.55493/5003.v13i4.4942>
- NORCROSS, J. C., & Lambert, M. J. (2011). **Psychotherapy relationships that work II**. *Psychotherapy*, 48(1), 4–8.
- POLSKY, D., & Glick, H. A. (2009). **Costing and cost analysis in randomized trials**. In K. E. Thorpe, M. Drummond, & B. O'Brien (Eds.), *Clinical trials design*. Springer.
- POPPER, K. R. (2008). **Conjecturas e refutações: O progresso do conhecimento científico**. Editora UnB. (Trabalho original publicado em 1963).
- REZENDE, G. F. de M., Soares, I. C., & Veloso, R. J. M. D. (2023). **Practice of evidence-based psychology and feminist psychology: Initial reflections**. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(2), 228–238.
<https://doi.org/10.18761/vecc13123>
- RIEFF, P. (1961). *Freud: The mind of the moralist*. Doubleday.
- ROSA, M. G., & Laport, T. J. (2024). **A importância da prática psicológica baseada em evidências: Aspectos históricos, conceituais e procedimentais**. *Revista Multidisciplinar da Univassouras*, 12(3). <https://doi.org/10.21727/rm.v12i3.2831>
- ROTHER, E. T. (2007). **Revisão sistemática X revisão narrativa**. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v–vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- SACKETT, D. L., Rosenberg, W. M. C., Gray, J. A. M., Haynes, R. B., & Richardson, W. S. (1996). **Evidence based medicine: What it is and what it isn't**. *BMJ*, 312(7023), 71–72.
- SHAW, S. (2021). **Implementing evidence-based practices in school psychology: Excavation by de-implementing the disproved**. *Canadian Journal of School Psychology*, 36(4), 335–351. <https://doi.org/10.1177/08295735211000513>
- SILVA, J. B. L. da, & Melo, N. L. de. (2024). **Psicologia baseada em evidências na formação profissional de psicologia**. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 17(12), e12567. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.12-121>
- SILVA, L. L. da, Oliveira, M. L. I. de, & Santos, D. M. N. dos. (2025). **Ensino de psicologia baseada em evidências: Presenças e lacunas na graduação de Psicologia no Paraná**. *Práxis em Saúde*, 3(2), 1–8. <https://doi.org/10.56579/prxis.v3i2.2417>
- SILVEIRA, A. S., Furtado, L. R. W., & Pacheco, J. T. B. (2022). **Aproximações e afastamentos de uma prática psicológica baseada em evidências: Análise temática**

- de entrevistas com psicoterapeutas de adolescentes.** *Contextos Clínicos*, 15(1), e003275173. <https://doi.org/10.4013/ctc.2022.151.07>
- SKINNER, B. F. (1948). *Walden two*. Macmillan.
- SKINNER, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, Trads., 11ª ed.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1953).
- SKINNER, B. F. (1945). **The operational analysis of psychological terms.** *Psychological Review*, 52(5), 270–277. <https://doi.org/10.1037/h0062535>
- SOBREIRA, D. A., Guaitolini, D., Xavier, R. G. da S., & Nascimento, M. R. do. (2024). **Psicologia baseada em evidências: Um caminho para a excelência na prática clínica e formação em psicologia.** *UNESC em Revista*, 8(2), 37–51.
- SOUZA, F. L., & Gonçalves, J. (2024). **Fundamentos para uma prática baseada em evidências na Psicologia: Um recurso teórico.** In J. Gonçalves (Ed.), *Perspectivas em Psicologia* (pp. 25–36). Editora Lógica Psicológica. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10377702>
- STENZEL, L. M. (2021). **Habilidades terapêuticas interpessoais: A retomada de Carl Rogers na prática da psicologia baseada em evidências.** *Psicologia Clínica*, 33(3), 557–576. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n03A09>
- TJELTVEIT, A. (2003). **Ethics and values in psychotherapy.** Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203360453>
- VANDENBERGHE, L. (2001). **As principais correntes dentro da terapia comportamental: Uma taxonomia.** In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 7: Expondo a variabilidade* (pp. 154–161). ESETec.
- WATSON, J. B. (1913). **Psychology as the behaviorist views it.** *Psychological Review*, 20(2), 158–177. <https://doi.org/10.1037/h0074428>
- WEBER, M. (2011). **Economia e sociedade.** UnB. (Trabalho original publicado em 1922).